

LIVRO



AGRADECIMENTOS

Este livro é uma árvore
De tronco retorcido
Com longos galhos finos
Escorrem por suas folhas
Pequenas gotas
Lágrimas coloridas

Cada gota é um conto
Cada canto uma gota
Cada gota uma história
Que embala o sono
Cada cor é um encanto
Cada encanto é um sonho
Cada sonho é um escudo
Pra quem anda no escuro

Esse livro é fruto
De um trabalho coletivo
Composto com inúmeros parceiros e parcerias
Que em sua estrada fizeram passagem
E marcaram sua caminhada

Um agradecimento a todos que participaram deste trabalho



PREFÁCIO

Em 2019, num encontro com o **Thiago Ramil**, ele me falou sobre o **Sereno Canto**, um trabalho que, juntamente com **Raul Jung**, vinha desenvolvendo e colocando em prática em algumas **Casas de Acolhimento** da cidade de Porto Alegre desde 2012. O trabalho consistia em proporcionar semanalmente atividades relacionadas à prática do acalanto – técnica desenvolvida por eles – e suas contribuições para o sono das crianças que viviam nestas instituições.

Fiquei extremamente interessada; encantou-me o que os dois – ambos músicos e psicólogos – estavam criando. O projeto, ancorado em conceitos psicanalíticos que se enlaçavam aos conhecimentos e práticas no campo musical, oferecia algum acalanto para crianças cuja saúde mental estava em risco.

Na minha prática clínica como psicanalista, atendendo pais e bebês, crianças pequenas, adolescentes e adultos, já há quase quatro décadas, eu aprendi que toda a formação do aparelho psíquico de uma criança precisa do outro disponível afetivamente para existir e se desenvolver. **A criança precisa ser acolhida, acalantada, de tal forma que os seus cinco sentidos – essas anteninhas corporais – possam vivenciar sensações prazerosas que serão registradas, inicialmente, no seu corpo para, então, se tornarem psíquicas.** E muitas das crianças que Raul e Thiago vinham encontrando nas casas de acolhimento estavam ali justamente porque suas infâncias foram, predominantemente, marcadas pelo desprazer, pela dor e por vivências de desamparo, vivências estas que, muitas vezes, se transformam, por exemplo, em comportamentos agitados e distúrbios do sono.

Através do Sereno Canto, Thiago e Raul proporcionam vivências de prazer por meio das suas vozes sussurrantes, dos sons ritmados do violão, da luz amena no ambiente, das suas posturas de acolhimento. Efeito disso? As crianças se acalmavam, ficavam menos tensas fisicamente e, por consequên-

cia, se entregavam para o sono – **momento de total recolhimento e que só conseguimos realizar quando nosso contato com o mundo exterior é eliminado. O ritmo lento, os sussurros daquelas histórias cantadas equivaliam a um colo carinhoso para aquelas crianças.**

Foi então que me dei conta de que eles haviam criado um método terapêutico, ou seja, por meio dele, ofereciam uma experiência sensorial, uma vivência diferente, encontros que poderiam facilitar o desenvolvimento de algum aspecto de saúde mental dessas crianças.

Alguns meses depois, chega a pandemia da Covid-19. Num primeiro momento, parecia que o projeto teria que ser interrompido. Mas, graças à capacidade criativa de Thiago e Raul, eles passaram a gravar os episódios em estúdio, disponibilizando-os, uma vez por mês, para um número maior ainda de casas de acolhimento e lares sociais e orientando os cuidadores para que não só reproduzissem os áudios, mas também preparassem o ambiente para tanto. Os cuidadores passaram a ser, então, agentes do método. Alguns deles, com o passar do tempo, contaram que também estavam fazendo isso com seus próprios filhos.

Três anos e meio depois daquele encontro inicial, o Sereno Canto se estendeu para outros campos. Além dos episódios serem lançados nas plataformas de streaming, surge agora este livro digital que aqui apresentamos.

Além de todas aquelas histórias até então contadas e cantadas por Thiago e Raul, temos agora outras, trazidas por sete convidados, escolhidos por representarem diversas comunidades culturais do nosso estado. **As histórias que vocês encontram neste livro foram criadas, escritas e contadas por estas pessoas atenciosas e solidárias com o seu talento.**



No episódio um, apresentado por **Raul Jung** — e escrito por ele e Thiago —, encontramos as lágrimas coloridas de uma árvore falante, a história de uma menina que acreditava que não precisava dormir até encontrar uma grande árvore no seu caminho.

A convidada do episódio dois é **Iracema Gah Téh Nascimento**, cacica da aldeia Gah Reh e kujá (pajé) do Povo Kaingang. Ela conta e canta, na língua Kaingang, uma história que sua mãe, sua avó e seus ancestrais cantavam para as crianças da aldeia, que, ao ouvi-las, dormiam embaladas por ela. É a história de uma ave que cuida e acompanha seus filhotes, cuja riqueza está tanto no conteúdo como no ritmo envolvente da prosa Kaingang de Iracema.

O episódio três traz **Clarissa Ferreira**, violinista, etnomusicóloga, pesquisadora e compositora, com “A Vaca”, inspirada em Mário Quintana. Esta vaca é capaz de captar todos os sons da natureza e recebe um encantamento que lhe capacita traduzir tudo o que escuta através do canto e da música. Até uma cerca que ela avista é transformada em cordas de violão que se dedilham, e dali surgem acordes que vão se abraçando como numa ciranda.

Maurício Alves, educador social que atua há 20 anos na rede sócio-assistencial de Porto Alegre, nos apresenta, no episódio quatro, Aurora e Qamar, entre o Sol e o Luar, a história de uma menina que gostava do dia e de um menino que gostava da noite. Ela, muito feliz com tudo o que podia fazer no dia, só conseguia adormecer se seus pais lhe cantassem uma canção de ninar. Qamar não gostava do dia e o que lhe encantava era a Lua, as estrelas e os sons da noite. Quando se encontram, um consegue se colocar no lugar do outro e compreender o que o outro sente, descobrindo assim os diferentes encantos do dia e da noite.



No episódio cinco, **Maria Ortega**, do povo Mbyá-Guarani, da região das Missões Guaraníticas, e professora infantil da escola localizada na Terra Indígena Koenju, conta, na língua do seu povo, a história do Príncipe Kure, mostrando que os olhos podem nos enganar quanto à verdadeira imagem de cada um. Thiago Ramil canta a história com sua voz sussurrada e toca uma viola de dez cordas, acompanhado por sua irmã, Gutcha Ramil, que toca uma rabeca.

Pedro Bertoldi, ator, dramaturgo e professor atuante de projetos sócio-educacionais, apresenta “Amazônia”, sobre um filhote de onça que, durante um passeio com sua mamãe, se encanta com as borboletas que observa na floresta. Num determinado momento, observa uma nuvem negra e uma debandada de todos os animais, correndo desesperadamente. A floresta está queimando, ele tenta fugir, consegue subir numa árvore, mas, apavorado, perde-se dela. Depois, terá que escolher e trilhar seu próprio caminho.

Iara Deodoro, assistente social, mestra e coreógrafa do Afro-Sul Odomodê, cuja trajetória é marcada por importantes trabalhos que visam promover e fortalecer a cultura negra, conta a história dos Lanceirinhos Negros. Fala sobre um menino que começou a formar um exército ainda na infância e, vestido com bombacha, camisa vermelha, um cinturão e uma faixa na testa, para compartilhar com outras crianças o heroico movimento dos Lanceiros Negros na Guerra dos Farrapos. Vó Iara chama atenção para o fato de que, no nosso Estado, a participação do povo negro na história é, na maior parte das vezes, suprimida e apagada.

Também merece um olhar atento dos leitores o belíssimo projeto gráfico de **Carol Rosa**, que enriquece a estrutura do livro. Essas histórias, no seu conjunto, nos permitem uma aproximação de diversidades que não vemos, das quais não nos aproximamos porque ainda não possuem represen-

tações para nós mesmos. Esse livro pode ser mais um caminho para evitarmos as tentativas do aniquilamento civilizatório que ameaça nossos tempos, **lembrando-nos que a cultura, as artes plásticas, a música, a dança, a poesia, o cinema e todos os tipos de arte são capazes de simbolizar aquilo que é vital na humanidade.** A possibilidade dessas histórias serem contadas, cantadas e transformadas nesse livro mostram que o Sereno Canto é um instrumento que vai na contramão desse aniquilamento.

Boa leitura a todos,
Luciane Falcão



Porto Alegre, RS - Setembro - 2023
Todos os direitos reservados ©

EP. 1



SERENO CANTO & RAUL

EP1 AS LÁGRIMAS COLORIDAS DE UMA ÁRVORE FALANTE

*História de Raul Jung e Thiago Ramil
Canção de Thiago Ramil*



Era uma vez uma menina chamada Marcela, que não achava graça nenhuma em dormir. Ela não conseguia entender por que isso era preciso. Para ela, estar acordada era muito melhor e dormir era uma perda de tempo. Ao pegar no sono, ela não poderia brincar e participar do que acontecia. E, às vezes, pensava: "E se alguma criatura assustadora vier me atacar enquanto eu estiver dormindo, como vou me defender"? As pessoas na sua volta viviam dizendo que dormir era importante, mas Marcela discordava, pois acreditava que tinha bastante energia e poderia viver sem dormir. Toda noite, relutava, mas acabava adormecendo em algum momento.

Uma noite, decidiu não dormir. Fingiu ter pegado no sono e, quando todas as luzes estavam apagadas, levantou e passou a buscar formas de provar sua teoria. Assim, adentrou a madrugada numa batalha contra o sono. Primeiro, pegou um livro, mas logo começou a ficar com os olhos cansados. Tentando resolver o problema, foi até o banheiro e lavou o rosto. Voltou para o quarto e passou a arrumar seu armário, que estava uma bagunça. Arrumou as camisetas, as calças, os casacos e até os seus sapatos. Depois de toda a arrumação, ainda faltava muito tempo para o amanhecer. Organizou seus materiais escolares, mas ainda faltava muito, muito tempo para o sol raiar. Marcela já não sabia mais o que fazer, e o sono ia tomando conta, como se a convidasse para dormir. Resolveu, então, fazer exercícios e se movimentar bastante para agitar o corpo e mandar o sono embora. Claro que fazia tudo em silêncio para não acordar os outros, que serenamente dormiam. Depois de muito esforço, e certa dificuldade, conseguiu ver o céu clarear e o sol despertar.

No dia seguinte, estava muito cansada, mas não quis demonstrar e saiu firme para a escola. No caminho, foi ficando sonolenta. Era um bocejo a cada passo, e seus olhos mal conseguiam permanecer abertos. Quando já não aguentava mais o peso das pálpebras, decidiu parar para descansar, mas só um pouquinho. Sentou-se à sombra de uma árvore e, assim que encostou em seu tronco, aconchegou-se e acabou adormecendo.

Marcela, então, sonhou.

Estava recostada numa velha árvore, de tronco retorcido, poucas folhas e longos galhos finos. Marcela, ao se levantar, sentiu medo e se afastou. Mesmo assustada, chegou mais perto, pois havia alguém chamando seu nome. Para seu espanto, o som vinha da árvore.

Era uma árvore falante!



Aos poucos, foi se acostumando com a ideia de conversar com uma árvore falante. E percebeu que ela adorava contar histórias. A árvore lhe disse que sempre que se encontrassem, poderia ouvir uma nova história.

A partir daquele momento, Marcela prontamente se organizava e esperava ansiosa pela hora de dormir. E assim seguiu, navegando pelo sonhar e aprendendo os segredos escondidos entre as histórias da árvore falante. Marcela passou a aproveitar a noite para sonhar e, nos sonhos, conhecer mundos e criaturas fantásticas.

Sempre que adormecia, Marcela se encontrava com a árvore. E fez isso por muitos anos. Aos poucos, percebeu que a árvore, sempre que contava uma nova história, deixava escorrer pela ponta de um de seus longos galhos finos uma pequena gota. Parecia uma lágrima, mas não uma lágrima de



tristeza. Contudo, também não era uma lágrima de alegria. Era, afinal, uma lágrima colorida!

A cada história contada, uma nova lágrima corria sem pressa ao encontro da terra, abraçando, silenciosamente, as raízes de sua mãe.

As lágrimas eram sementes, das quais brotavam mudas e cresciam frondosas árvores. Com o passar dos anos, formou-se um colorido pomar. A árvore, então, revelou um segredo. Contou a Marcela que as lágrimas coloridas que pingavam ao final das histórias, na verdade, só brotavam de seus encontros com Sereno, velho amigo e companheiro das noites úmidas e frias. Sereno gostava de cantar, mas não como o

vento uivante das tempestades. Sereno cantava de forma leve e doce, entoando notas longas e quase silenciosas. Sereno, com seu canto doce, longo e sussurrado, convidava a árvore para conversar. Durante a noite, quando todos silenciavam, Sereno cantava por entre as árvores, e aos poucos umedecia as folhas. Era um misto de gotículas mágicas, melodias tristes, doces aromas e brisas leves. Por cantar sereno, recebeu o nome de Sereno Canto.

Sereno Canto era tudo isso e, mesmo que fosse invisível, fazia com que as lágrimas ganhassem tons coloridos. A única forma de perceber sua presença era ficar atenta aos sons, cheiros e sensações. E assim Marcela passou a viver o colorido, sonoro e sensório pomar que viu crescer ao redor da velha árvore falante. As melodias envolviam os troncos e galhos, desenhando belíssimas paisagens sonoras.

Certo dia, chegou um momento muito importante!

A velha árvore deu a Marcela a responsabilidade de preservar as Lágrimas Coloridas. Entregou-lhe

um bellissimo livro. Sua capa era feita do tronco, as páginas eram feitas de folhas e a espiral, de um de seus longos galhos finos. As páginas estavam em branco para Marcela escrever as histórias e canções que havia aprendido e escutado em seus sonhos. Passou a visitar cada árvore, analisando detalhes e ouvindo com atenção os sons que se produziam em seu redor. Depois de muitos anos, terminou de escrever o livro e todas as histórias e cantos que aprendeu em seus sonhos estavam prontos para serem compartilhados.

Ao chegar a primavera, em uma grande árvore do jardim, Marcela decidiu fazer um encontro. Aos pés da árvore, compartilhou as histórias e canções que havia aprendido ao longo da vida, contando e cantando as lágrimas coloridas da árvore falante.

Os convidados aos poucos foram se aconchegando e adormecendo. Quando todos estavam dormindo, a velha árvore conversou com Marcela pela última vez. Neste momento revelou o grande poder do livro: ajudar as pessoas a dormir e sonhar. Ao compartilhar sonhos, as pessoas constroem juntas um mundo melhor. Afinal, sonho que se sonha junto é realidade!

Depois daquele dia, Marcela, que na época já estava com a idade bastante avançada, não mais sonhou. Mas antes de partir, compartilhou as histórias e cantos, fazendo com que todos pudessem sonhar e conhecer o lindo pomar das Lágrimas Coloridas da Árvore Falante.

Tornou-se guardiã do dormir. E se entrelaçou no universo, passando a cantar serenamente às noites, embalando os sonhos e acalantando os medos, ao emprestar coragem àqueles que viajam pelo escuro.



*Ela
tem o tronco retorcido
e longos galhos finos*

*Ela
abraça as noites frias
e os dias que nascem cinza*

*Ela
dança com as brisas
e ventos que sopram tempestades*

*E quando o dia dorme
e a noite tudo cobre
o sereno lhe recobre
escorre uma gota
que corre pela folha
caminha pelo galho
até a ponta fina*

*A chorar
uma lágrima colorida
uma lágrima*

*Cada gota era um conto
cada conto, uma gota
cada gota, uma história
quem embalava o sono*

*Cada cor, um encanto
cada encanto era um sonho
cada sonho um escudo
para quem anda no escuro*

”

“



KANGANG

EP2
SÔRÊG



História e canção de Iracema Gah Teh
Canção por Iracema Gah Teh Nascimento / Arranjo: Thiago Ramil

Vãsa kôra ang tỳ eg nũg nũa gẽ ẽg mỹ tygtyg tĩ
Ne fi tỳ?
Jõst mĩag fi vã
Sõrẽg ke fag tũg tĩ, kỹ fi tỳ ser fi gog se hãn tĩ
Fi tỳ fi gogfe hãn kỹ fi tỳ, fi o tỳ ty vin tĩ
Kỹ tỳ tygty: tĩ
Fi mĩa vã fi rã tũ nũ, kũar ty ne tũg tĩg tĩ
Kỹ tỳ tygtyg tĩ, kỹ fi tũg ser
Fi krẽ mĩr vẽgẽnh gĩvãnh tĩ tĩ
Kũtyg rã ãn kỹ fi tũg ser
Mũnã inh krẽ, ẽg nũg nũr gẽ ke tĩ
Sõrẽg fi
Hãva vỹ fi sũr mỹ ser
Kur nũg nũr kũty ta nũ
Nũg nũr há hãn ra
Sa gog nũkrẽn gẽ, gog tỳ Vẽnh Kren tũ nũn gẽ
Ûn pir, Ûn rãgẽ ẽ nũ, tẽg tũ, vẽnhkẽgã nũ, pãnkar ẽ nũ

Kur nũg nũr kũty ta nũ
Nũg nũr há hãn ra
Sa gog nũkrẽn gẽ, gog tỳ Vẽnh Kren tũ nũn gẽ
Ûn pir, Ûn rãgẽ ẽ nũ, tẽg tũ, vẽnhkẽgã nũ, pãnkar ẽ nũ

Kur nũg nũr inh krẽ tĩ tỹ kãnh mar kũrẽg gẽ
Gog gog tỳ kũrã sũ ra kũtỹg
Kỹ tũg ẽg mỹ sũr tỹ gog gog gũn ka
Ke fi tũg sũrẽg fi, pẽttĩ fag ke gẽ
Tag tũ fag tĩ
Ka sa uri tỹg mũ gog nũ inh krẽ Kẽair

Kur nũg nũr, ẽg nũg nũr há hãn gẽ gog gog tu gũkrẽn ka
Ke vi tũg, tĩ fi krẽ mỹ
Fi gog ẽg kũ, ki, fi gogfe vã tỹ, fi nũr rã nũ!
Fi gog vã tỹ fi krẽ nũg nũr gũ nũ! Fi gogfe vã tỹ fi krẽ nũg nũr rã nũ!
Kỹ sa tag tũ tĩ inh krẽ mỹ, kar inh krẽ Kẽair mỹ

Este canto a mãe e a vó cantavam para as crianças, né?
Então, ela dizia para eles:

Kur kãmũrẽg, ẽg nũg nũr gẽ
Sõrẽg fi tỹ fi krẽ gogrẽr ma, sa gog gogrẽr gẽ
Gog gogfe kũ ki nũg nũr kũ mũ gẽg
Sa gog vin hãn gẽ tỹ gẽ ma kũty tag ki

Tỹg gã ma, kũty tag kũ

Kur nũg nũr ẽg ta kar kũvã ki nũg nũr gẽ
Nũg nũr sa gog ma kũty gũgũn gẽ
Sõrẽg fi tỹ tỹg vẽ

Quando ela cantava esse, a genhe dormia!
Ela dizia que "o ninho para nós é ferro, né?"
Ela dizia em português.
Por isso, "sõrẽg (pomba)" sou eu chamando vocês para o nosso ninho.
Daf, eu canto:

Régre ti nũ, tãgtũ ti nũ
Pénkar ti nũ

Este é o número que ela conta:

Ūn pir (um), Ūn régre (dois)

"Um, dois, três, quatro, cinco, seis", a Sórãg vem contando as crianças. Quando elas estão passando para o ninho, ela fica em cima contando quantos filhotes tem.

Pénkar ti nũ, sa jag nré nũr djé
Jag djóg tjí tũ nũ
Vajka nũ tjí ~~nũr~~ kãtĩ mũ
Vajka a jag djóg tjí jun mũ
Kur nũg nũr Kutũ ta nũ

Este ela cantava para os filhos. Que o pai deles não chegou ainda, mas que de manhã, ele chegaria. Já é para dormir, para a noite passar tão rápida que, quando percebessem, já seria madrugada e o pai teria chegado. Então, é esse que a mãe cantava para nós. E quando ela nos levantava, por volta das cinco ou seis horas, eu dizia:

- Mãe, o pai já veio?

Ela respondia:

- Panh mũ kãtĩg hore djé?

- Kã tĩg tãg hore.

Então, o pai já tinha chegado. Não sa como ela sabia o horário que o pai vinha. Ele vinha de Noñoai. Bananeiras e Rio da Várzea, a cavalo, quando eles vinham buscar os jambres deles para a reunião.

Kur nũg nũr Kutũ ta nũ
Nũg nũr há hãn ra
Sa jag nũkrén djé, jag tjí Vẽnh Kren tũ nũn djé
Ūn pir, Ūn régre, tãgtũ, Vẽnhkãgrá, pénkar ã nũ

Eu me emocionei quando me lembrei da minha avó, pois ela cantava isso para mim. E a mãe, quando eu ia dormir lá. Nós éramos cinco meninas. As outras já eram grandes: Nilda grande, Noemi grande, Belmira grande. Era uma escadinha.

Aí, ela juntava todas numa cama só. Nosso forro era folha de coqueiro. E o pai nos colocava em fila.

E aí a Sórãg contava:

Ūn pir (um), Ūn régre (dois), Ūn tãgtũ (três), Vẽnhkãgrá (quatro)

Isso é para crianças, Thiago

Kur nũg nũr Kutũ ta nũ
Nũg nũr há hãn ra
Sa jag nũkrén djé, jag tjí Vẽnh Kren tũ nũn djé

Ūn pir, Ūn régre, tãgtũ, Vẽnhkãgrá, pénkar ã nũ

Kur nũg nũr Kutũ ta nũ
Nũg nũr há hãn ra
Sa jag nũkrén djé, jag tjí Vẽnh Kren tũ nũn djé

Ūn pir, Ūn régre, tãgtũ, Vẽnhkãgrá, pénkar ã nũ

Kur nũg nũr Kutũ ta nũ
Nũg nũr há hãn ra
Sa jag nũkrén djé, jag tjí Vẽnh Kren tũ nũn djé

Ūn pir, Ūn régre, tãgtũ, Vẽnhkãgrá, pénkar ã nũ

Kur nũg nũr Kutũ ta nũ
Nũg nũr há hãn ra
Sa jag nũkrén djé, jag tjí Vẽnh Kren tũ nũn djé

Antigamente, as velhas cantavam pra gente dormir.

Sobre o quê? Sobre um pássaro grande que é chamado de pomba.

Diz a história que a pomba fazia seu ninho para pôr seus ovos e para descansar.

Diz a história que seu marido não estava por perto.

Vivia longe dali.

Quando seus ovos descascavam, ela saía com seus filhotes à procura de algo para comer — e quando ela via a noite chegando, chamava seus filhotes.

— Vamos dormir, meus filhos — dizia a pomba, e logo saía o canto dela.

Durmam, já é noite, amanhã o pai de vocês já vai chegar.

Cantarei para vocês

Durmam, já é noite

Durmam bem

Vou contar vocês, para vocês não se perderem:

Um, dois, três, quatro, cinco

— Durmam, meus filhos. O pai de vocês virá pela manhã. Então, ficaremos felizes. Quando o pai de vocês chegar — dizia a pomba para as pombas rolinhas.

— Conto e canto para meus filhos pequenos — diz Iracema.

—Durmam e vamos dormir bem, pensem em seu pai — assim ela dizia para os filhos.

Ela está no ninho dela, o ninho é o ninho dela! O ninho é onde ela dorme! O ninho é onde dormem os filhos dela!

— Assim dizia meu velho pai, por isso conto e canto para meus filhos e para meus filhos pequenos — diz a Iracema.

— Venham, meu filhos — a pomba já está chamando —, venham dormir em seus ninhos, já vou começar a cantar para vocês. Durmam para acordarmos logo cedo. Durmam vou contar as estrelas para vocês.

Daí enquanto ela canta a gente dorme.

Dois, três, quatro...eles são. Este é o número que ela conta:

Um, dois, três.

E a pomba já vem cantando. Elas são cinco.

— Já vou dormir também, seu pai não está. Certamente amanhã ele chega. Durmam para logo levantarem.

Daí ela disse para os filhos:

— O pai já chegou.

— Sim, ele já chegou.

Ela já sabia do horário que o pai chegava.



Durmam, já é noite

Durmam bem

Vou contar vocês

Para vocês não se perderem

Um, dois, três, quatro, cinco

O pai de vocês virá pela manhã

Então, ficaremos felizes

Quando o pai de vocês chegar

Me emocionei, diz a Iracema

Ela cantava

Um, dois, três, quatro e cinco..

A pomba costumava fazer isso com as crianças

Durmam, já é noite

Durmam bem

Vou contar vocês

Para não se perderem

Um, dois, três, quatro e cinco..

O pai de vocês virá pela manhã

Então, ficaremos felizes

Quando o pai de vocês chegar.

Já é noite, durmam bem esta noite

Vou pôr cada um no seu ninho

Durmam para levantaram cedinho

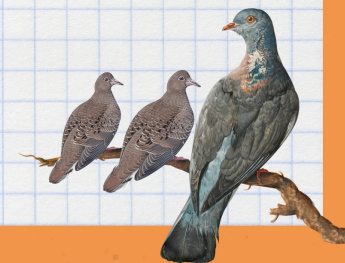
Durmam para eu contar as estrelas

A pomba já vai cantar (4x)

SORÊG

Canto por Iracema Gah Téh Nascimento

“ Kur nũg nũr Kutý ta nũ
Nũg nũr há hán ra ”
Sa ãag nĩkren jí, ãag tỹ vẽn h kren tũ nũn jí
ũn pí, ãn régre ã nũ, tẽgtũ, vẽn h kégrá nũ, pẽnkar ã nũ



EP3



SERENO CANTO & CLARISSA

EP3
VACA



História e canção de Clarissa Ferreira

Era uma vez uma vaca que queria cantar.

Vários ídolos cantores tinha
e sonhava toda noite
o seu universo expressar.

Era fã dos quero-queros.
Era fã dos bentevis.

Tinha um gingado de rainha,
que se fosse primavera,
a presentearia com brincos de princesa
e quem sabe uma coroa,
pulseiras de vagalumes
e anéis de anís.

Um ser da natureza
que come pastos
e que observa ao ruminar:

Em que será que ela pensa?
Será que é em cantar?

Em noites de luar,
tinha sonoros sonhos
e sem querer acordava
simplesmente a cantar.

Tudo que via soava como música,
como se pudesse com os ouvidos enxergar.

Um dia, Boitatá visitou seu sonho
e um encantamento
fez-se iniciar.
Transformou-a em um instrumento,
uma tradutora
de como tudo pudesse soar.

Ao ver o açude onde matava a sede,
marimbas começam a soar.
Dedilhados em cordas soltas
lembram as ondas do rio
e lembram as ondas do mar.

Continuou caminhando,
seu desfile sereno e plano,
ouvindo violinos,
enquanto sentia o vento minuano.

Seguiu seu trajeto a pé
e avistou uma pedra.

A mesma de sempre,
que lambia como picolé

Um gostinho salgado,
com som de ganzá
e reco reco,
que a cada provinha
sua língua queria dançar,
pedindo pra cantar.

Emitiu um som grave
e tudo começou a harmonizar.

E a cantar seguía,
e uns passos se atrevia
nesse seu balanço
meio balança pema

meio garota de ipanema
e meio teiniaguá.

Patas esculpindo o barro
e quando repara
há trevos esmigalhados.

Como com som de wifi
ou caixinha de som no bluetooth,
começou a cantar o som dos trevos machucados

Cada trevo uma nota
como tecla
cada trevo.

Bem-me-quer.
Malmequer.

Bem-me-quer.
Malmequer.

Seguiu sua caminhada,
nessa sua mais nova estrada
onde toda a paisagem
parecia orquestrada.



Como ondas sonoras,
viu melodia no vôo ascendente dos quero-queros.

E seguiu sua jornada,
mato a dentro,
toda sintonizada nos sons.

Quando avistou ao longe uma cerca,
que viu como cordas de violão,
aquilo que chamam de alambrado.

Dedilhadas soaram as cordas soltas
e quanto mais perto,
mais os sons arpejados.

Acordes iam se abraçando
como numa ciranda,
como um espiral.

E os arames da cerca vibravam
num barato total.

Será que o feitiço do Boitatá um dia se desfaz?

Ao avistar aviões,
várias vezes, só ouviu dos motores os sons:

vvvvvvvv
vvvvvvvv

Ali entendeu que todo som tem sua música,
todo alarido dos bichos, a sua melodia,
a natureza, sua harmonia.

E o feitiço se transformou numa grande bênção.

Até Boitatá teve que cantar.

E a partir daquele dia,
começou a integrar
o conjunto dos sons do mundo,
o grande ooommmmm universal.

Uma onda sonora bem grande que viaja
e que se toca da pampa da vaca
a soar até o Egito, a França e Guiné-Bissau.

Um som viajante pelo mundo
que ainda guarda um sonho
de fazer turnê
pelo espaço sideral.



A VACA

*Tão lenta
e serena
e bela
majestosa vai passando a vaca.*

*Que se fora
na manhã
nos tempos de rosas
a coroaria
a vaca natural
e simples
como a primeira canção*

*a vaca, se cantasse
que cantaria.*

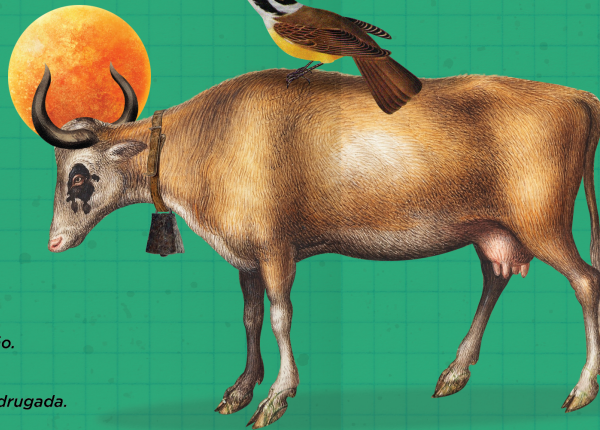
Nada de óperas, que ela não é dessas não.

Cantaria um gosto dos arroios perdidos de madrugada.

Tão diferente do gosto de pedra do meio dia.

Cantaria o cheiro dos trevos machucados

O voo decorativo dos quero-queros.



*Ou, quando muito,
a longa misteriosa vibração
dos alambrados.
êmbolos*

*Mas nada de super aviões,
tratores,
êmbolos*

*Mas nada de super aviões,
tratores,
êmbolos*

*Mas nada de super aviões,
tratores,
êmbolos*

E outros truques mecânicos.

*Tão lenta
e serena
e bela
majestosa vai.*



EP4 AURORA E O AMAR, ENTRE O SOL E O LAR

História de Maurício Alves
Canção de Thiago Ramil



Antes mesmo de Aurora nascer, seus pais já sabiam que não haveria outro nome que não fosse Aurora.

Quando Aurora nasceu, com ela, nascia o dia! Era uma manhã linda, clara e radiante. Sol quente e escaldante. Estava assim aquele dia!

Quando bem pequena, Aurora não chorava muito, não, a não ser quando sua mãe não lhe dava sua chupeta preferida. Ah... aí, sim, Aurora chorava um choro sem fim. Mais ou menos assim:

— BUÁÁÁÁÁÁ!!!

— BUÁÁÁÁÁÁ!!!

E só quando ganhava sua chupeta parava de chorar. E depois de bem cansada, bem cansada mesmo, os olhos conseguia fechar.

— Orrr fiiuuu!!!

— Orrr fiiuu!

O tempo foi passando e Aurora foi crescendo. Já era uma linda moça, com idade para saber qual era seu sorvete favorito! Mas o que Aurora amava mais do que sorvete era o dia, e fazia questão de deixar isso bem claro pra todos que quisessem saber do seu gosto mais gostoso!

Todas as manhãs, ela acordava alegre, tomava seu delicioso café e se arrumava pra escola. Lá, adorava correr, brincar de pique-esconde, dar cambalhota, ficar de cabeça para baixo em sua árvore

preferida. E só depois de deitar na grama para admirar o Sol e recarregar suas energias ela conseguia relaxar.

Só que toda noite, quando chegava em casa, era a mesma coisa! A menina alegre e sorridente ficava triste e calada, em um silêncio tão baixinho que dava pra ouvir de longe o seu lamento e tudo que nasce em seu pensamento:

- Por que a noite é tão escura?
- Por que eu não posso brincar na rua?
- E alguém sabe quem foi que inventou a Lua?

E só havia uma coisa que a fazia dormir: uma canção de conforto, cantada por seus pais em um único tom. Em um tom de amor.

“Dorme minha princesa
Que a noite já chegou
E trouxe com ela conforto e amor.
O amanhã já vem, não vá se preocupar
Feche seus olhinhos para o dia chegar”

Xiiiiiiii...

Na manhã seguinte, lá estava ela: café da manhã, mochila nas costas, beijo nos papais e prontinha para o seu, todinho seu, novo dia.

Chegando na sala, sua professora pede um pouco de atenção para apresentar o novo colega à turma.

— Bom dia, turma! Hoje eu gostaria de dar as boas-vindas ao seu novo colega: Qamar. Qamar, gostaria de se apresentar?

A turma fica ansiosa, mas Qamar não fala nadinha, apenas balança a cabeça dizendo que não.



Aurora percebe que Qamar não é como os outros meninos da turma. Ele também tem um silêncio tão baixinho, que dá pra ouvir de longe o seu lamento e tudo que nasce em seu pensamento:

- Não sei qual é a graça do dia!
- Quem é que consegue brincar com tanto sol?
- Por que o dia é tão claro?

Qamar nunca acordava de bom humor. Não achava graça no dia e fazia questão de deixar isso bem claro também! Gostava mesmo era da noite, quando podia fazer cabana e acampar, ouvir com clareza o som dos animais e dos seus bichos preferidos — e quem sabe até fazer lanternas mágicas com vagalumes e admirar a Lua e as estrelas brilhantes no céu.

A professora, então, resolveu fazer um trabalho em grupo, e convidou Aurora e Qamar a formarem uma dupla.

Empolgada, Aurora começou a compartilhar suas ideias com Qamar. Mas o menino, desanimado, ouviu tudo sem falar uma palavra. Até que tomou coragem e perguntou:

- Por que você é tão feliz assim e está sempre empolgada?
- Ué, porque eu amo o dia! E você, por que está sempre tão triste e desanimado?
- Ué, porque eu amo a noite!



Naquele momento, Aurora entendeu o motivo da tristeza de Qamar. E Qamar, entendeu o motivo da alegria de Aurora. E também descobriram que havia mais crianças como eles: uns que gostavam do dia e outros que gostavam da noite. E então tiveram uma grande ideia!

Decidiram compartilhar com todos suas aventuras. Um falava das coisas boas do dia e o outro falava das coisas boas da noite — e assim, todo aquele silêncio tão *inho*, que se ouvia de longe, e tão baixinho, não mais existia. E foi assim que nasceu a canção da noite e do dia.

“

*Aurora Aurora
Aurora A hora
do despertar
do dia*

Aurora

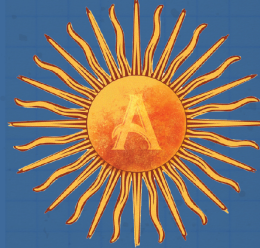
*Raios de luz
nascem devagar
vão pintando o céu
depois que o luar
passar*

*Aurora acorda
Aurora acorda
Para começar
o dia*

Aurora

*Brinca com a luz
Roda sem parar
Dança com o céu
até o luar
chegar*

*Com calma
Qamar Qamar
Qamar*



AURORA E QAMAR

*Amar
com alma*

*Acalma
Qamar*

*A serenar
o sono
e as almas*

*Acalma a luz
num canto devagar
encanta todo o céu
depois que o sol
baixar*

*Acalma Qamar
Acalma Qamar*

*Amar
com alma
acalma Qamar*

*A navegar
na noite
com alma*



*Apaga a luz
sonha sem parar
anda pelo céu
desenhando estrela*

*Com alma
amar
Acalma Qamar*

*Qamar acalma
com alma Aurora*

*Aurora acorda
com alma Qamar*

*Qamar acalma
com alma Aurora*

*Aurora acorda
com alma Qamar*

*Aurora acorda
com alma Qamar*

*Qamar acalma
com alma Aurora*

*Aurora acorda
com alma Qamar*

”

EP.5



SERENO CANTO & MARIA

EP5
PRÍNCIPE TATULTA

*História de Maria Ortega
Canção de Thiago Ramil*



Há muito tempo, havia uma família real que tinha muitas filhas e apenas um filho. O rei já não conseguia alimentar todos e, um dia, quando viu que estavam com muita fome, disse:

— Eu vou caçar.

Então ele foi com seu filho caçar.

Foram indo e logo adiante, no meio do caminho, encontraram um porco. O porco estava comendo e, ao perceber que o rei e seu filho vinham em sua direção para caçá-lo, começou a falar:

— Não me mate! Não me mate! Ali tem outros animais para você caçar. Tem um veado bem grande lá na estrada!

Então, o rei não matou o porco e seguiu viagem. Realmente encontrou o veado, o caçou e levou para sua família. Eles ficaram felizes, comeram bastante e o pai falou:

— Ah, tem que agradecer ao porco. Graças a ele a gente conseguiu caçar.

E depois completou:

— Uma de vocês tem que casar com esse porco!

No dia seguinte, de novo já não havia mais o que comer. O pai disse que iria caçar novamente. Na mata, encontrou o porco no caminho e de novo foi tentar caçá-lo quando, outra vez, o porco disse:

— Não me mate! Não me mate! Vai matar outro. Tem bastante tatu lá.

Foi mais adiante e viu que tinha um tatu. Caçaram esse tatu e voltaram para casa com ele.

Cozinharam e alimentaram todo mundo. Ficaram todos felizes e dizem que o pai falou de novo:

— Alguém tem que casar com esse porco! Nesse final de semana o porco vai vir para encontrar a esposa dele.

Chegou o dia de o porco encontrar as filhas do rei, que chamou todas elas e foi perguntando:

— Você vai casar com o porco?

A primeira falou:

— Nunca. Nunca! Como que eu vou casar com um porco?! Eu não vou casar com o porco!

O pai perguntou para outra filha:

— E você filha, você vai casar com o porco?

— Nunca! — respondeu a segunda filha. — Como que eu vou casar com um porco? Ele nem é gente.

Como que eu vou casar? — ela disse.

Perguntou para a outra filha:

— E você, filha? Vai casar com esse porco?

E ela disse:

— Não, eu não vou casar! Eu prefiro morrer do que casar com o porco!

O pai já não sabia o que fazer. Já tinha perguntado para quase todas as filhas, só restava uma, a caçula.

A mais nova. Então, perguntou:

— E você, filha, vai casar com o porco?

E a moça falou:

— Sim, eu vou casar com o porco.

O pai agradeceu e as irmãs começaram a rir, rir, rir... rir muito dessa irmã.

— Como que vai casar com um porco? — e ficaram rindo, rindo dela.

Mas ela não deu muita bola e foi se arrumar para partir com o porco. Então o pai disse:

— Arruma as coisas e vai com o seu marido para a casa dele.

Ela arrumou as roupinhas. As coisas dela. Subiu em cima do porco e foram para a casa dele.

E aí diz que as irmãs começaram a rir, rir, rir muito dela, mas mesmo assim eles foram. Chegaram na casa do porco e ele falou

— Essa é a minha casa. Pode entrar. Essa vai ser a nossa casa.

A menina chegou, arrumou as coisas, fez comida e chamou o porco para comer.

— Vem, vamos comer, porco! A comida já está pronta.

— Não, pode comer você — ele respondeu. — Eu sou porco. Eu vou ficar comendo esses milhos aqui mesmo.

Anoiteceu e ela o chamou para dormir.

— Porco, vem! Vamos dormir!

Aí o porco falou:

— Dorme você. Eu vou dormir aqui na lama mesmo. Eu sou porco. Você não pode me olhar enquanto eu estou dormindo.

E a moça, mesmo sem entender por que, concordou. Nessa noite, ela não olhou nada. No outro dia, fez a mesma coisa. Chamou-o para comer e ele falou a mesma coisa.

— Pode comer você, eu vou ficar aqui comendo milho.

Depois, de noite, ela chamou e ele respondeu a mesma coisa. E que não era para espia-lo enquanto ele dormia. E isso deixou a moça mais curiosa ainda. Ela começou a querer espiar com lanterna o que



ele não queria que ela olhasse. E nesse momento ela viu que ele estava dormindo em uma cama bem bonita e não estava como um porco e sim como uma pessoa bem bonita. Parecia um príncipe. Ele estava ali dormindo bem limpinho. Não era porco!

A moça ficou bem feliz. E no outro dia ela já acordou feliz, chamou-o para comer, mas o porco ainda não aceitava nem comer, nem dormir com ela. Todas as noites, ela espiava com lanterna e ficava ali muito apaixonada. Uma noite ela tentou espiar de novo com lanterna e não funcionou. Daí, pegou uma vela. Foi com a vela até ele, mas a cera da vela caiu em cima da barriga dele e fez com que saísse chorando com um porco, novamente. A moça ficou bem triste porque o porco tinha ido embora.

No outro dia, quando amanheceu, ela seguiu o porco e foi até sua mãe, que logo perguntou:

— O que você fez com seu marido, que ele passou por aqui chorando?

Ela continuou andando até chegar em um próxima casa, onde perguntou:

— Por acaso você não viu um porco passar por aqui?

A moça disse:

— Não. Não vi nenhum porco por aqui.

Ela seguiu a viagem porque era tudo muito longe. Quando chegou na próxima casa, perguntou:

— Por acaso você não viu um porco por aqui?

Diz que a mulher falou.

— Não. Não vi nenhum porco por aqui. Eu só vi que há bastante tempo passou o Príncipe Tatulita. Só ele. Mas porco, não vi.

Ela foi de novo perguntando pelo Príncipe Tatulita. Já não perguntava de porco porque sabia que ele estava como pessoa. Chegando na próxima casa, perguntou de novo:

— Por acaso você não viu o Príncipe Tatulita passar por aqui?



E a mulher falou:

— Não. Não vi nenhum príncipe.

Ela ia continuar, mas disse que a velhinha falou:

— Vem, eu vou perguntar para os meus mascotinhos, uns pássaros que andam por tudo. Talvez eles saibam onde ele está.

Chamou o primeiro, que foi o Sabiá.

— Sabiá, você não viu um príncipe Tatulita?

— Não, não vi nenhum príncipe — respondeu o Sabiá.

Depois chamou todos os passarinhos. Por nome. Tinha tudo quanto é tipo de pássaro, e foi chamando para perguntar. Mas ninguém tinha visto. Por último, ela chamou um pássaro grande. Ele demorou bastante tempo para chegar e, quando chegou, ela perguntou:

— Você não viu o príncipe Tatulita, já que você anda por toda a parte?

— Príncipe Tatulita? Eu vi! Ele está no outro mundo. É que vai ter casamento dele daqui a pouco.

Então, a filha do rei pediu para esse grande pássaro levá-la até o príncipe. Para isso, mataram um boi, fizeram vários pedaços e levaram. Foram voando. Quando estava no meio, na metade do mar, o pássaro começou a cair porque já não estava com força. Tinha muita fome e a carne havia acabado. Estava quase caindo, já não conseguia levar a moça. Foi então que ela tirou um pedaço da carne da coxa dela e deu na boca do pássaro fazendo com que conseguissem atravessar esse mar e chegar nessa aldeia ou cidade.

O pássaro viu a perna dela e perguntou:

— Mas o que aconteceu na sua perna?! Na sua coxa?!

E ela respondeu:

— Eu tirei, porque você estava quase caindo de fome.

Aí diz que o pássaro vomitou e colou a carne na coxa da moça.

Eles estavam ali e realmente o Príncipe já estava para casar com outra mulher. Eles chegaram na festa e o pássaro falou:

— Espera um pouquinho. Eu vou lá dar uma olhada.

A moça ficou sentada entre as pessoas. Nisso, o Príncipe Tatulita veio e convidou ela para dançar. Ficaram dançando, dançando... Ele sentia que queria dançar somente com ela, e quando viu o anel da moça, falou:

— Nossa! Esse anel eu conheço! — e perguntou — Você é a moça que quando perguntaram se você casaria com um porco disse sim?

E a moça disse:

— Sim! Sou eu. E eu vim atrás de você!

Ali, se abraçaram e voltaram com o mesmo pássaro que levou ela, o pássaro grande.

Voltaram e ele sabia que ela gostava mesmo dele. Voltaram e chegaram de novo na casa deles. Chegaram com o pássaro e desceram, e as irmãs ficaram todas apaixonadas pelo homem. E a irmã falou:

— Mas ele é o porco com quem vocês não queriam casar.

E daí parece que elas desmaiaram tudo! A mãe disse:

— Nossa, nossa! Que lindo! Parece até Deus!

— “Mas ele é porco! É aquele porco com quem eu casei — disse a moça, e ficaram todos felizes com a volta dele.

E aí termina a história.

E a mulher falou:

— Não. Não vi nenhum príncipe.

Ela ia continuar, mas disse que a velhinha falou:

— Vem, eu vou perguntar para os meus mascotinhos, uns pássaros que andam por tudo. Talvez eles saibam onde ele está.

Chamou o primeiro, que foi o Sabiá.

— Sabiá, você não viu um príncipe Tatulita?

— Não, não vi nenhum príncipe — respondeu o Sabiá.

Depois chamou todos os passarinhos. Por nome. Tinha tudo quanto é tipo de pássaro, e foi chamando para perguntar. Mas ninguém tinha visto. Por último, ela chamou um pássaro grande. Ele demorou bastante tempo para chegar e, quando chegou, ela perguntou:

— Você não viu o príncipe Tatulita, já que você anda por toda a parte?

— Príncipe Tatulita? Eu vi! Ele está no outro mundo. É que vai ter casamento dele daqui a pouco.

Então, a filha do rei pediu para esse grande pássaro levá-la ela até o príncipe. Para isso, mataram um boi, fizeram vários pedaços e levaram. Foram voando. Quando estava no meio, na metade do mar, o pássaro começou a cair porque já não estava com força. Tinha muita fome e a carne havia acabado. Estava quase caindo, já não conseguia levar a moça. Foi então que ela tirou um pedaço da carne da coxa dela e deu na boca do pássaro fazendo com que conseguissem atravessar esse mar e chegar nessa aldeia ou cidade.

O pássaro viu a perna dela e perguntou:

— Mas o que aconteceu na sua perna?! Na sua coxa?!

E ela respondeu:

— Eu tirei, porque você estava quase caindo de fome.



YMA MAJE OIKO PETEI REI. REI TAJY RETA`I GUA`UJE. HA`EVE NINOMONGARU PA
REGUA VEI MAJE HA`ERIRE JE OO GUA`U OKASA VY OKARU XE MA PY TAJY
KUERY HA`ERIRE OOOKASA VY , HA`ERIRE JE OO APY OEXA PETEI KURE PE
HA`EVY JE OJUKA TA KURE PE, HA`ERAMOJE KURE NI XE JUKA, ANI XE JUKA HE`I
JE. TEREONA PEPY RAKOGUAXU OIKO TEREON NA HA`E PE EJUKA HE`I JE

HA`ERAMO JE REI PORAMAMI HE`I

NEI MA AVY, HA`EVY JE NDOJUKAI JU KURE PE HA`ERIRE OOMAGUA`U, HA`EVY
JE GUAXU OIKO JEKUAAPYMAOVAE HA`EVY OJUKA, HA`ERIRE OGUERAA GUAJY
KUERYA PY, HA`ERIRE, HA`ERIRE JE OGUEROVAE MARIREJE PORAMI HE`IJE

IHKURE HAGUE RE RIVE MAJEVY ANGYJAKARU PORA TA HE`I JE HA`E RIRE JE
MA`ERA TAJYKUERY OKARUMA, HA`ERIRE HARE`I RIRE JE JANDOGUERE KOVEI
JUMA OKARU HAGUA HA`ERIRE OO JUMA OKASA VY HA`ERIRE JE OO RIRE KURE
OIKOJUMA GUA`U TAPE`IPYHÁ`ERIREJE OJUKA JUTAMAMERAMIGUA`U
HAËRAMIRAMOKURE HA`EKUE RAMI JU ANI JE JUKA, ANI JE JUKA, PE PYMATUA-
JE`I TATU KUERY IKUAI KURI HE`I JE, HA`ERIRE OO VE`IA PY TATU PE OEXA JMA
HA`EVY OJUKA JU TATU PE, HA`ERIRE JE OGUERAA JU, TAJY KUERY OKARU
JUMA, HA`EVY JE KURE HAGUE RE RIVE MA JEVI JAKARU PORA HE`I JE. HA`EVY
JE REI PORAMI HE`MA PETEI VA`E REI PEIKO TAE MA KUREA PY HE`I JE, HA`ERIRE
JE SABADO RAKO OU TA MA KURE GUA`YXY RA RE HE`I JE. HA`ERIRE JE ANHETE
SABADO OVAE MA RAMO GUAJY KUERY PE OMONHEYXYRO MA HA`ERIRE JE
OPRANDU RANDU MA



-NDEE NHA`A KUREA PY REIKO TA HE`I JE
XEE NI NDAIKO MO`AI, NI KUREA PY HETE`
I NI NDAIKOI NHO MATE RA HE`I JE
HA`ERIRE OMBOAE PE JU OPRANDU
NDEE NHA`A KUREA PY REIKO TA HE`I JE

KUREA PY HETE`I NDAIKOI RA XEE HE`I JE, GENTE VAI VAI NHO VA`ERIRE MA
AIKO RA`ANGUE HE`I JE

HA`E RIRE JE

AVY NDEE PA REIKO TA KUREA PY HE`I JE.

NI NDAIKO MO`AI KUREA PY, TOVE TAMANO RIVE ,NI NDAIKOI MATE RA KUREA PY
HE`I JE

HA`ERIRE JE IJAPYRE`IA PY MA OVAE.

HAVY NDEE IJAPYRE`I REIKO TA PA KUREA PY HE`I JE. HA`ERA JE.

HE, XEE AIKO TA HE`I JE. HA`ERIRE HA`EPY IJAPYRE`I PORAMI HE`I JAVE JA
KURE OVAE MA GUA`U.

PE AE MA TU NEME RA OVAE MA HE`I JE.

-EMOIPORA KATU NDEAO KURIVE`I PEO MA HAGUA HE`I JE

HA`ERIRE JE OMOI PORAMA GUA`U OAO`I CARTON PY, HA`E RIRE JE KURE`ARY
OJEUPI OO VY GUA MA GUA`U KURE RO PY.

HA`E RIRE JE OVAE MA GUA`U KURE RO PY.

EIKE KATU XE ROPY HE`I JE

HA`ERIRE JE KURE OIKO OIKO GUA`U OKA RUPI ,HA`ERIRE OVAE VY JE
AKE JAVE KE ANI XE REIJAPE HE`IJE MBA`EREIMPO REI

HA`ERIRE JE BUENO HE`I JE
HA`ERIRE JE
EJU AKOSINA MBA MA,EJU MA NHA CENA HE`I JE. HAĒRAMO JE.
KUA EKARU KATU NDEE , XEE TU KURE VY AVAXI RA`YI RIVE RA`A AERI HA`U HE`I JE
HA`ERIRE JE PORAMIHE`I RIAE RIRE
EJU MA JAKE HE`I JE
KUA A EKE KATU NDEE, XEE TU KURERIVY APY OKA PY RIVE RA`A AE RIMA AKE
HE`I JE, PERO ANI TA`AVY XE REIXAPE HE`I JE. HA`E RAMO PY OPONDERA REI
MA RA`E MBA`E RE PA NDOIPOTAIOEXAPEA. HA`ERIRE JE PYARE`I OIXAPE MA
GUA`U LANTERNA PY KURE OKEA KATY, HA`ERAMOJE KURE IPORA`I GUA`U
TUPA DE ORO PA`I RUPI JE OKE OUPY HA`ERIRE JE KUNHA`I VA`E OVY`A, JA
OVY`A VE RE MAMA JE OEXA VY IME PORA`I GUA`U AE RI RA`E , HA`ERIRE JE
PYAREVE`I RA JA OVY OVY`A REVE MA OMBOJY OIKOVY ORAMBOXA HAGUA
EJU MA KURE NHARAMBOXA HE`I JE
KUA ERAMBOXA KATU NDEE, XEE TU KURE VY AVAXI RA`YI RIVE RA`A AERI HA`U
HE`I JE . HA`ERAMI RIRE PY JE OUĒREKO LANTERNA`I VA`EKUE PY JE NENDY VEI
RA`E PYRE`I JUMA RAMO PY VELA PY MA OIXAPE, HA`ERIRE PY OIXAPE, OIXAPE
JUMA PYARE`I RAMO VE IPORA`I GUA`U JUMA, TA`YXY JA OVY`A REMAMA
HA`ERIRE JE OMONGTY VELA RIKUE HA`E RAMO JE KURE RAMI JU HAXE OVY
,HA`EGUI OO KURE OAPY RA. HA`ERIRE PYREVE`I RAMO VE`I JE TA`YXY OO JU
OMAMA KUERYA RUPI ,OMAMA KUERY ROKATY OO. HA`ERAMO JE IMAMA
MBA`ETU NEME RE REJAPO RA`E ?
KOROPĪ TU HAXE`I GUA`U REVE RI OAXA KURI HE`I JE.
MARAKATY TU OO HE`I JE. OO HAGUE RUPI OO OINY, NI NDA`IJAYUI VOI OAXA MEME TEMA RIVE.



HA`EVY JE OO JE KURE RAKYKUE OPRANDU RANDU OVY OGA OGA`I RUPI , NI
MOVA`E VE NDOEXAI . HA`ERIRE JE PETEI OGA PY OVAE.

NDAPEXAI NHA`A KURE PE KOROPĪ OAXA RA? HE`I JE
XEE NI NDAEXAI KURE KURE REI OAXA RA HE`I JE
KUE`I RAI OAXA VA`EKUE SO PRINCIPE TATULITA ANHO`I MA HE`I JE .HA`ERAMO
JE OAXA JU OVY . HA`ERIRE OO AMBOAE PEJU OPRANDU
KOROPĪ NHA`A NDOAXAI RA`E PRINCIPE TATULITA HE`I MA JE OPORANDU .
KURE RE VE`Y MA OPORANDU . HA`ERIRE JE
XEE NI NDAIKUAAI PERO EARO AENOI TA XE RYMBA KUERY PE HE`I JE GUIMI`I
VA`E. HA`ERIRE JE OENOI GUYRA GUYRA`I PE : KYKY`I HE`IJE
OU MA JE

HA`ERIRE JE BUENO HE`I JE
HA`ERIRE JE

KYKY`I NDEE NHA`A NDE REXAI RA`E PRINCIPE TATULITA PE HE`I JE

XEE NI NDAEXAI HETE AVE HE`I JE . HA`ERIRE AMBOAE PE JU.

AVIA HE`I JE

NDEE NHA`A NDE REXAI RA`E PRINCIPE TATULITA PE HE`I JE

XEE NI NDAEXAI HETE AVE HE'I JE. HA'ERIRE PAVE GUYRA'I PE REI MA OPRANDU RIRE NI MOVA'E VE NDOEXAI RIRE JE KUNHA'I VA'E OO TAMAJAVE JE , EARO'I RANHE OIN TERI AE TU PETEI GUYRA , NDOU PAI TERI HE'I JE .HA'ERIRE OENOI GUYRA GUAXU PE;
GUYRA GUAXU! HE'I JE . HA'ERIRE JE OVAE
MBA'E TU HE'IJE
NDEE NHA'A NDE REXAI RA'E PRINCIPE TATULITA PE HE'I JE
AH AEXA AE TU, HA'E KO AMBOAE MUNDO PY MA OIKO HE'I JE, OMENDA TA MA AVE , HA'E GUI AE TU AJU KARAMBOAE HE'I JE . HA'ERIRE JE HA'E CASAMENTO OIN TAA GUI AE TU AJU HE'I JE .
REO XE RAMO TOROQUERAA HE'I JE, HA'ERIRE JE ANHETE OGUERAA , OJUKA RANHE NGA'U PETEI GUEI PE HA'RIRE MA OMBO'I MBO'I PA GUYRA GUAXU OKARU HAGUA RIRE OGUERAA MAR REI OIA RU PI OO, MAR MBYTE RUPI OO PY JE NAEMBI'U VEI MA HA'EVY JE HO'O RAIRAI'I MA YY PY NAEMBI'U VEI VY RAMO JE KUNHA'I VA'E HO'U RO'O GUI TEMA RIVE MA OMBOI HA'EVY IJURU PY OMOI JEPI HA'E RIRE OAXA PA'I NHO GUA'U. OVAE RIRE JE JA FESTA'IGUA'U MA OIN. KUNHA'I VA'E PYTUNGUY'I PY REI GUA'U OIN HA'ERIRE PRINCIPE TATULITA JE OIKO REI JEKUA GUA'U, HA'ERIRE OJEROKY REI JEKUA, HA'ERIRE JE KUNHA'I PE OMBOREKY MA GUA'U PRINCIPE TALITA. HA'ERIRE JE OJEROKY RIRE JE HA'EREVE ANHO'I MA JE OJEROKYXE .HA'ERIRE HA'E REVE ANHO'I AE MA NGA'U OJEROKY, HA'ERIRE MAE JE IPO RE OJOPY VY OEXAKUAA RAMO HI'ANILLO RA OME'E VA'EKUE RE MAE JE OIKUAA MOVA'E PAA
NDEE AE NHA'A YMA, KUREA PY NHAÀ REIKO TA HE'I RAMO AIKOTA ERE VA'EKUE HE'I JE

HE XEE AETU HE'I JE. NDAVYA'I MIVE VY AJU NDERAKYKUE HE'I JE. HA'E RA JE HA'EPY JOJOU JU. JA OVY'A REMAMA PRINCIPE TATULIPA IPORA'I GUA'U VA'E RIVE AEPY.
HA'ERIRE HA'EGUIVE JU JOGUERU HA'EVA'E PYARE VOI, AMBOAE RE NOMENDAI JU . GUYRA GUAXU PY AE JU JOGUERU , JOGUERU RIRE OMAMAE KUERYA PY OVAE MA. OVAE RAMO JE TYKE KUERY

OU MA NHANDE JARA HE'I JE HA'EVY JE JA IJA'E PA JU

HA'ERA JE

KUA UPEVA'E TU KUEVE KURE RE AMENDA RAMO PEJOJAI REI VA'EKUE AE RI HEI JE.

IJA'E GUI RIVE JE OMANO MBA TYKE KUERY . HA'ERIRE OPA RA'E HA'E PY.



“

*Um porco do mato
guardava um segredo
que ninguém sabia
naquele arvoredado*

*Um dia um homem,
buscando comida,
encontrou um porco
no meio da trilha*

*O porco
lhe disse
onde havia
farta comida
naquele arvoredado*

*Tão cedo
o homem disse
que se fosse o seu desejo
e de sua filha,
concederia, então,
sua mão*

*A linda moça
de olhos profundos
via o mundo
de outra forma*

PRÍNCIPE TATULTA

*E decidiu, então,
lhe dar a sua mão
e o coração*

*Um porco-do-mato
mantinha um segredo
e não permitia ser visto dormindo*

*Um dia, a moça
de olhos curiosos
encontrou o porco
no meio da noite*

*Não era
um porco
deitado
na cama*

Ali tinha um homem mais lindo que a noite

*E numa exclamação
deixou cair da mão
a vela*

*Que apagou no chão
e trouxe a condição*



*E o porco,
chorando,
fugiu pelo mato*

*A linda moça
de olhos profundos
lia os mundos
de outras formas*

*E perguntou, então,
qual era a direção
pros passarinhos*

*E atravessou o mar
Nas asas de uma águia*

*Para encontrar o amor
onde for*

*E atravessou o céu
Em pé num cometa*

*Para encontrar o amor
onde for*

*Para reencontrar o amor
onde for*

Para encontrar o amor

”



EP.6 AMAZÔNIA

História de Pedro Bertoldi
Canção de Thiago Ramil



Aquele dia era um dia de festa. Pelo menos pra mim. Mamãe iria me ensinar a caçar do outro do lado do riacho. Sabem o que isso quer dizer? Eu já estava crescendo e logo, logo, poderia trilhar o meu próprio caminho. Não, não é que eu não gostasse de morar com a minha mãe, mas é que a floresta é cheia de caminhos e uma onça que se preze deve ter o seu próprio canto.

Mamãe foi na frente e eu, logo atrás dela, prestando atenção em tudo e sem me distrair com nada... Quer dizer, quase nada. Teve uma hora em que um montão de borboletas coloridas começou a passar pela gente e eu fiquei todo animado, andando pra lá e pra cá em volta delas, até que minha mamãe rosou, furiosa. E foi ali que eu entendi que as onças adultas não sabem ver as borboletas. Mamãe recomeçou o treino. Foi andando bem devagar, sem fazer nenhum barulhinho, até bem perto de onde estava uma família de capivaras. Seria um banquete daqueles. Mas não foi. Como se tivessem visto algo terrível, as borboletas voltaram todas, apavoradas. O que poderia ter acabado com a festa das borboletas? Eu olhei pro céu e vi uma nuvem gigantesca de fumaça se aproximando. Os pássaros, que antes cantavam, agora voavam desesperados. As capivaras, que seriam o nosso almoço, também partiram em debandada.

Ao notar o fogo, mamãe me chamou pra perto dela e começamos a correr em direção ao rio. A floresta parecia uma grande pista de corrida... Todos tentavam chegar ao rio o mais rápido possível. Alguns animais pequenos se enterravam embaixo da terra fugindo das chamas e da fumaça. Os galhos das árvores caíam e os ninhos, feitos com tanto amor, se desfaziam nas chamas. Menos um passarinho no céu.

Mamãe e eu continuávamos a correr quando uma árvore em chamas caiu entre nós, separando-nos. Levei um susto tão grande que não conseguia mais correr. Mamãe rosnava do outro lado pra que eu continuasse firme e escapasse das chamas. Mas eu não conseguia, estava em choque. Foi então que ela ganhou impulso, saltou sob a árvore em chamas, me agarrou pelo cangote e seguiu correndo até o riacho.

O fogo ainda não tinha acabado, mas aquele ainda era um lugar seguro. Deitei exausto e dormi como nunca. Sonhei com a floresta, tão bonita antes do fogo, e fiquei pensando como um lugar tão vivo, tão colorido e tão alegre pode tão rápido se transformar em cinzas e carvão.

No outro dia, acordei com os pingos da chuva molhando meu pelo. Não havia mais fogo, mas ainda havia o medo. Foi quando percebi que minha mãe não estava mais ao meu lado. “Deve ter ido buscar comida”, pensei. Só podia ser isso. Mas o tempo passava e ela não voltava. “Deve estar difícil achar comida boa. É por isso que ela foi para um lugar mais longe. É por isso que deve estar demorando”. Horas já tinham se passado e nada da mamãe voltar. O Sol foi embora. Ela nunca ficaria tanto tempo longe. O que teria acontecido? E mesmo que eu tentasse não pensar, eu sabia que algo muito triste podia ter acontecido com ela. Dois dias esperando e nenhum sinal. Decidi partir.

A floresta tem muitos caminhos e uma onça que se preze deve ter o próprio canto. Havia chegado a hora de ir atrás do meu.

Se você fosse uma onça querendo encontrar o seu próprio canto, para onde iria? Qual caminho escolheria? A floresta tem tantas trilhas, como saber qual é a certa? E se eu for por um caminho errado, tenho como voltar atrás? Ou pior: e se eu escolher um caminho certo, mas enjoar dele? Posso dar só uma espiadinha no caminho errado, pra ver se eu fiz uma boa escolha? É, a vida de uma onça com seu próprio caminho não é nada fácil.



Ficava observando os outros animais da floresta. Todos tinham um caminho, uma direção. Todos pareciam saber para onde iam e por que iam. Eu, não. Sem minha mãe por perto, não havia um caminho. Nem um objetivo.

Eu estava pensando nisso quando passou por mim um exército de formigas gigantes da Amazônia! Era um trânsito intenso entre elas. Umam iam e outras voltavam. Umam com folhas muito maiores do que elas mesmas. Outras de mãos abanando, mas sempre focadas, indo ou voltando. Elas sabiam para onde iam e o que tinham que fazer. Era tudo que eu queria.

Escolhi uma trilha e comecei a segui-las também.



Iam e voltavam. Iam e voltavam. Milhares de vezes. Se as formigas conhecem todos os caminhos da floresta, até aqueles que ficam embaixo da terra, por que insistem em trilhar sempre o mesmo caminho? O que as formigas fazem quando não precisam carregar folhas? Formigas tiram férias? Elas se aposentam? A rainha agradece pelo trabalho delas? Ela tem coroa?

Nenhuma delas tinha tempo pra responder. O tempo era para trabalhar. Ir atrás de folhas.

Reconstruir o formigueiro quando a chuva, ou uma certa onça desastrada o destruía sem querer. Percebi que não cabia naquele formigueiro e nem naquela vida de fazer sempre o mesmo caminho. Segui na jornada. Em algum lugar da maior floresta do mundo eu iria me encaixar.

Na lagoa, um jovem sapo se divertia como uma criança tomando chuva. De repente, enxergou lá longe algo que chamou a sua atenção: uma suculenta mosca? Uma borboleta? Não, uma sapa fêmea! O jovem sapo pensava que já estava na hora de usar seu talentos como galanteador e começou a

a coaxar uma serenata. A jovem sapa ficou toda vaidosa. Se aproximava dele fazendo pouco caso (no fundo, queria ver até onde ele iria). Ficaram nesse jogo de sedução por um bom tempo até que algo suculento e voador passou por eles: uma mosca perfeita para o café da manhã.

Os dois se olharam, a mosca ficou entre eles e a língua de ambos se jogou para fora. E se enroscou! A mosca, com seus mil olhos, observou tudo de cima e, desta vez, escapou!

Eu estava escorado numa árvore quando ouvi um barulho estranho. Era um bicho-preguiça pendurado num galho... Será que o bicho-preguiça sonha? Tem pesadelos? E medo do escuro? Bicho-preguiça acorda mal-humorado? Será que ele ronca? Como seria a minha vida se eu fosse um bicho-preguiça? Será que eu poderia viver assim? E se esse fosse o meu caminho na floresta? Será que aguentaria? E se eu cansar de descansar tanto, posso voltar a me cansar? Será que a vida é só isso mesmo? Cansar e descansar... e depois cansar de novo e descansar e depois cansar e descansar, até o fim?

Eu poderia perguntar isso para o bicho-preguiça, mas só depois que ele acordasse. Será que, com tantas perguntas, ele iria se zangar comigo e logo voltaria a dormir? Será que é por isso que ele dorme? Pra fugir das perguntas chatas?

Talvez seja por isso!



E se eu dormisse, sonharia com coisas boas? Veria a minha mãe de novo? Eu poderia tentar, mas e se eu não acordasse mais? Se ficasse bom lá no mundo dos sonhos e eu não quisesse mais procurar o meu caminho na floresta?

Eram tantas perguntas. Mas nenhuma resposta. Continuei perguntando porque gosto de fazer perguntas que não têm resposta. Só parei de perguntar quando o bicho preguiça e fez assim: psiiiu.. pssss.



Certa vez, quando procurava o meu caminho, encontrei uma família de macacos. Moravam num grande condomínio no alto da árvore e viviam de fazer festa com suas estranhas traquitanas. Coisas que eles pegavam dos turistas. Essas pessoas que vêm aqui na nossa casa, tiram foto com a gente, mas deixam tudo sujo depois. Ficavam horas e horas na frente de uns retângulos de vidro vendo imagens de humanos e dando risada deles, impressionados com a semelhança.

Um dos macaquinhos se aproximou de mim e logo eu estava rodeado de dezenas deles. Uns puxavam meu rabo, outros pulavam no meu pescoço, me provocando pra que eu corresse atrás deles. Como eu queria fazer parte daquela família... Como seria bom ter alguém para fazer cafuné, para cuidar e ser cuidado... Como seria bom ter alguém que brigasse ou que colocasse para dormir...

Pedi então que me deixassem fazer parte da família. Disseram que sim, mas que primeiro eu teria que me tornar um deles. Como seria possível? Logo surgiu um macaco professor. Foi se pendurando de galho em galho, mostrando como eu deveria fazer. Nas primeiras tentativas, fui um desastre, mas logo fui pegando o jeito. Logo me ensinaram como se aproximar dos turistas. Fiquei morando com os macacos alguns meses, mas, depois de um tempo, percebi que minha praia era outra e eu precisava seguir meu caminho e foi nesse dia que cheguei na...

Transamazônica!

Buzinas e mais buzinas. Poeira alta. Caminhões, motos e carros a plena velocidade. E nós, os donos da casa, tentando atravessar para o outro lado. Vai até metade da pista e quase que uma moto arranca o casco da tartaruga, que volta para o ponto de partida.

Eu fiquei só espiando, tomando coragem para arriscar.



Tudo acalmou. Era agora ou nunca. Quando eu já estava no meio da pista, um caminhão freou bem na minha frente e dele desceu um homem. Eu nunca tinha visto um homem de verdade antes. Fui correndo assustado para dentro da mata, mas ele e seus colegas desceram atrás, me encurralando. Não tive como escapar. Me colocaram dentro de uma jaula e me levaram pra bem longe.

O que é que eles fariam comigo? Será que me levariam para o circo? Ou então para um zoológico? Será que fariam tapetes ou casacos com a minha pele? Eu só conseguia pensar que algo muito ruim estava acontecendo.

Acordei num lugar escuro e que balançava muito. Escutava um barulho de motor e o choro de outros bichinhos. Quando a luz acendeu, percebi que estávamos no porão de um barco... De um grande navio pirata no meio da floresta. Havia muitas gaiolas além da minha. Jabutis, preguiças, araras, macacos, jacarés... Muitos filhotinhos enjaulados e longe de suas mães.

O papagaio disse que aquilo era muito comum e que todos os dias aquele barco levava filhotinhos para serem vendidos no mercado. Como ousam fazer isso conosco? Acham que somos o quê? Se eu não estivesse naquela jaula, eu pulava naqueles homens e eles aprenderiam a nunca mexer com uma onça.

Foram dias e dias descendo o rio até que, numa noite de lua cheia, o som dos motores foi abafado por um canto muito bonito. Os homens do barco foram logo ver do que se tratava. Ficaram encantados com o canto doce e suave. Logo o barulho do motor parou. E quando eu percebi o barco estava afundando. Bem devagar. Afundando bem devagar. No meio do gigantesco rio Amazonas.

Quando o barco afundou, as jaulas em que estávamos se quebraram e nós ficamos mergulhados nas águas escuras do rio. Eu vi quando um dos homens levou um choque do Poraquê, o peixe elétrico, e saiu nadando em disparada. Aposto que esse aí nunca mais vai se meter com a floresta!

O rio era cheio de criaturas incríveis: boto-cor-de-rosa, peixe-boi, as temidas piranhas, o pirarucu, a sucuri... Um desfile de cores e formas que eu nunca tinha visto antes. E nós, os animais da terra, um tanto deslocados, mas encantados com aquilo. A força das águas foi nos conduzindo para as profundezas, onde havia um grande palácio. Era o palácio de lara, a mãe dos rios.

lara ia cantando docemente enquanto nos mostrava as belezas do seu mundo. Lá, lara cuidou de nossas feridas e nos contou como fazia para nos proteger das ameaças dos homens. Depois de cuidar de nós, lara nos levou de volta para a terra firme.

E aí eu cheguei. E eu teria muitas outras histórias para contar. Mas é que agora tá me dando uma vontade de fechar os meus olhinhos, respirar bem fundo, espreguiçar, cobrir-me e dormir.



“

AMAZÔNIA

Por detrás da mata

*E dormi
E sonhei*

*E sonhei
que encontrei
minha mãe*

Da chuva

*Com a mata verde antes do fogo
e os animais cantando em coro
e o sol nascendo entre os troncos
no amanhecer na Amazônia*

*Ela contou
que acompanhou
meu andar*

*E sonhei
que encontrei
minha avó*

*E dormi
e sonhei*

*Ela mostrou
que eu não tava só
Porque cada pinta da minha pele
é uma de nós*

*Com o céu azul antes da noite
e os rios brotando em limpas fontes
e a luz descendo no horizonte
no entardecer na Amazônia*

*Acordei
e rugi*

*E dormi
e sonhei*

*Com a terra preta antes da seca
as largas folhas, frutas frescas
e a lua plena e serena
no anoitecer da Amazônia*



*Fui correndo pela mata
Traçando a minha caminhada
Deixando marcas e pegadas
No coração da Amazônia*

”



EP.7 LANCEIRINHOS NEGROS

*História de Iara Deodoro
Canção de Thiago Ramil, Dona Conceição e Gutcha Ramil*



Olá, tudo bem com vocês?

Eu sou a Vovó Iara e vim aqui contar uma história sobre um menino que começou a formar um exército ainda na infância. Sim, é verdade! Pode acreditar!

Agora, vou dizer como toda essa história começou. Teve um tempo em que as crianças pretinhas não sabiam da história — nem na escola as professoras costumavam contar — da participação de pessoas negras na história do Brasil. E muito menos no nosso estado: o Rio Grande do Sul.

Os gaúchos esconderam de todo mundo que os verdadeiros heróis da grande Guerra dos Farrapos foram os lanceiros negros.

Ah... mas o Vovô Paulinho sempre conheceu essa história. Direitinho!

Era a história dos parentes dele, que vieram muito tempo atrás. E contou tím-tím por tím-tím para suas filhas e filhos. Contou também para seus netos e netas. Então, aquela família toda já sabia que os lanceiros negros tinham sido heróis. Eram inteligentes, eram fortes, sabiam lutar como ninguém, mas foram traídos e por isso morreram.

Aí, teve uma vez que um dos nossos netinhos foi convidado para participar do Baile Gaúcho em homenagem aos heróis Farroupilha. E como naquela família todo mundo já sabia a verdadeira

história dessa guerra, decidiram vestir o menino com um lindo traje de lanceiro negro. Esse menino se chama Caio e ainda era uma criança bem pequenininha quando isso aconteceu.

Sua mamãe pesquisou sobre os trajes e levou os tecidos para a vovó de Caio, que sou eu! Então, passei a noite inteira frente à máquina de costura, colocando muito amor em cada partezinha da roupa que eu ia costurando.

Foi ficando lindo. Todos os detalhes: uma bombacha, um chiripá, uma camisa vermelha, um cinturão e uma faixa na testa. Assim, a roupa estava pronta.

De manhã, bem cedinho, minha filha trouxe meu netinho Caio para vestir seu traje e ir para o baile. E vocês tem que ver como ele ficou lindo vestindo aquelas roupinhas. Ele sabia que não eram apenas roupas. Era parte da história do nosso povo que estava começando a ser contada para as crianças, assim como vocês.

Caio foi faceiro para o baile na sua escola, vestido de herói farroupilha. E cada vez que alguém estranhava ou perguntava sobre a diferença de sua vestimenta em comparação aos outros gauchinhos, ele logo dizia: "Sou do exército dos lanceiros negros, os verdadeiros heróis farroupilhas". E assim seguia contando a história que seu avô lhe ensinou porque não estava escrito nos livros que as profes mostravam.

Outras famílias negras acharam a ideia da família do Caio maravilhosa. E a foto dele vestido de lanceiro negro, como vocês dizem, viralizou! Todo mundo começou a compartilhar por todas as redes sociais do Brasil. Até em sites e jornais a imagem do menino estava.



Todos estavam felizes em poder contar para mais pessoas a grande saga dos heróis negros da Revolta Farroupilha. Então, a nossa família começou a se preparar para fazer trajes para outras crianças pretinhas poderem ir representando os lanceiros negros no baile do ano seguinte.

E assim aconteceu! A cada ano, o exército de lanceirinhos negros cresce mais. São cada vez mais pretinhos e pretinhas que aprendem sobre a história dos seus ancestrais. E com muito orgulho podem contar para mais pessoas por todos os cantos. E foi assim que o menino valente e esperto deu início a um grande exército. O exército dos lanceirinhos negros, que hoje em dia não usa mais lança como arma para se proteger. Hoje em dia, eles usam livros, microfones, lápis, computadores e muitas outras ferramentas para se expressar.

E se você quiser saber mais dessa história, pode pesquisar. É só dar um "google", como diz o Caio. E lá vocês vão conhecer mais detalhes dessa história. E conhecer o Caio, com sua roupa de lanceirinho e muito orgulhoso de começar essa história.



“

PEQUENO GENERAL

*General
Pequeno general*

*Quem te contou
Vovô
Nagô
Nenê
Vermelho
Um guerreiro pequeno*

*General
Pequeno general*

*Quem te cantou
Vovó
Nanô
Nenê
No berço de um grande guerreiro
General*

*Não tenho mariwo
sabe como que é
sou pequeno demais
tal folha da guiné
Linha, agulha e nó
Vovó sabe fazer
traje de general
prum lanceiro malê*



*General
pequeno general
quem te contou
Vovô
nagô
nenê
vermelho
um guerreiro pequeno*

*General
pequeno general*

*Quem te cantou
Vovó
nanô
nenê
no berço de um grande guerreiro
General*

*Caracol na cabeça
cabeça doce crespa
cresça como um menino
menina é fortaleza
Forte como vovó
na voz do meu avô
um lanceiro pequeno
um pequeno nagô*

”



PEQUENO GENERAL

General
pequeno general

Quem te contou
Vovô
nagô
nenê
vermelho
um guerreiro pequeno

General
pequeno general

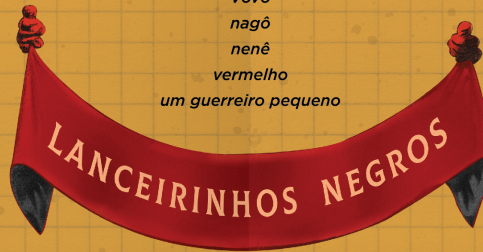
Quem te cantou
Vovó
nanô
nenê
no berço de um grande guerreiro
General

Não tenho mariwo
sabe como que é
sou pequeno demais
tal folha da guiné

Linha, agulha e nó
Vovó sabe fazer
traje de general
prum lanceiro malê

General
pequeno general

Quem te contou
Vovô
nagô
nenê
vermelho
um guerreiro pequeno



General
pequeno general

Quem te cantou
Vovó
nanô
nenê
no berço de um grande guerreiro
General

Caracol na cabeça
cabeça doce crespa
cresça como um menino
menina é fortaleza
forte como vovô
na voz do meu avô
um lanceiro pequeno
um pequeno nagô

General
pequeno general

Quem te contou
Vovô
nagô
nenê
vermelho
um guerreiro pequeno

General
pequeno general

Quem te cantou
Vovó
nanô
nenê
fez berço prum grande guerreiro
Adormecer



FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Thiago Ramil

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Thiago Ramil

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Geórgia Macedo

Lorena Relva

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Virginia Torres

Diego Coiro

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Lorena Relva

CURADORIA

Thiago Ramil

Geórgia Macedo

CONVIDADOS PODCASTS

Raul Jung

Iracema Gah Téh Nascimento

Clarissa Ferreira

Maurício Alves

Maria Ortega

Pedro Bertoldi

Iara Deodoro

MÚSICOS

Thiago Ramil

Gutcha Ramil

Kátia Ramil

Clarissa Ferreira

Dona Conceição

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Luciane Falcão, Rosimar D'Agostin e a Márcia Zaffari, Clóvis Magalhães, Katia Ramil Magalhães, Gutcha Ramil Magalhães, Dalva Alves Ramil, Mirela de Cintra, Andrea Ferrari, Raul Jung e Ruan Luiz Rosa

TRANSCRIÇÃO

Geórgia Macedo, Vera Kaingang e Patrícia Ferreira

TRADUÇÃO

Vera Kaingang e Patrícia Ferreira

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Natália Henkin

DESIGN GRÁFICO

Carol Rosa

ANIMAÇÃO 3D

Vinicius Albernaz

MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO

Léo Bracht / Transcendental Áudio

SOCIAL MEDIA

Ananda Aliardi

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Imagina Conteúdo



FICHA TÉCNICA PODCAST

EPISÓDIO #1 AS LÁGRIMAS COARADAS DE UMA ÁRVORE FRANTE

Voz História Raul Jung; **Voz Canção** Thiago Ramil e Kátia Ramil; **Violão Aço** Thiago Ramil; **Paisagem Sonora** Thiago Ramil; **Captação e edição de Áudio** Thiago Ramil (Homestudio) e Léo Bracht / Transcendental Áudio; **Mixagem e Masterização** Léo Bracht / Transcendental Áudio - Porto Alegre /RS

EPISÓDIO #2 SORÊÊ

Voz História Iracema Gah Téh Nascimento; **Voz Canção** Iracema Gah Téh Nascimento; **Vocal** Thiago Ramil; **Berimbau** Thiago Ramil; **Violão Nylon sem traste** Thiago Ramil; **Viola 10 cordas** Thiago Ramil; **Bandolim** Thiago Ramil; **Paisagem Sonora** Thiago Ramil; **Captação e edição de Áudio** Thiago Ramil (homestudio) **Mixagem e Masterização** Léo Bracht / Transcendental Áudio

EPISÓDIO #3 A VALA

Voz História Clarissa Ferreira; **Voz Canção** Clarissa Ferreira e Thiago Ramil; **Violão Nylon** Clarissa Ferreira; **Berimbau** Thiago Ramil; **Violão Nylon sem traste** Thiago Ramil; **Violino** Clarissa Ferreira; **Bandolim** Thiago Ramil; **Paisagem Sonora** Thiago Ramil; **Captação e Edição de som** Thiago Ramil (homestudio) e Clarissa Ferreira (homestudio); **Mixagem e Masterização** Léo Bracht / Transcendental Áudio

EPISÓDIO #4 AURORA E QAMAR

Voz História Maurício Alves; **Voz Canção** Thiago Ramil; **Violão Nylon** Thiago Ramil; **Viola 10 cordas** Thiago Ramil; **Bandolim** Thiago Ramil; **Paisagem Sonora** Thiago Ramil; **captação e edição de som** Thiago Ramil (homestudio) **Mixagem e Masterização** Léo Bracht / Transcendental Áudio

EPISÓDIO #5 PRÍNCIPE TATUUTA

Voz História Maria Ortega; Voz Canção Thiago Ramil; Viola 10 cordas Thiago Ramil; Bateria Thiago Ramil; Rabeca Gutcha Ramil; Paisagem Sonora Thiago Ramil; Captação e Edição de som Thiago Ramil (homestudio); Mixagem e Masterização Léo Bracht / Transcendental Áudio

EPISÓDIO #6 AMAZÔNIA

Voz História Pedro Bertoldi; Voz Canção Thiago Ramil; Violão de Nylon Thiago Ramil; Paisagem Sonora Thiago Ramil; Captação e Edição de som Thiago Ramil (homestudio); Mixagem e Masterização Léo Bracht / Transcendental Áudio

EPISÓDIO #7 LANCEIRINHOS NEGROS

Voz História Iara Deodoro; Voz Canção Dona Conceição, Gutcha Ramil e Thiago Ramil; Ilustração Dona Conceição; Ilustração de Xangô Dona Conceição; Agogô Dona Conceição; Violão de Nylon Thiago Ramil; Captação e Edição de som Thiago Ramil (homestudio); Mixagem e Masterização Léo Bracht / Transcendental Áudio

REALIZAÇÃO

Sereno Canto

PATROCÍNIO MASTER

Cia Zaffari

PATROCÍNIO

Banrisul

FINANCIAMENTO

Pró Cultura RS e Governo do Estado do Rio Grande do Sul



PATROCÍNIO MASTER:



PATROCÍNIO:



REALIZAÇÃO:



FINANCIAMENTO:

